

UM ABRAÇO, ALUYSIO

Caio Porfírio Carneiro

No dia 11 de abril último perdemos Aluysio Mendonça Sampaio, um dos nomes dignos de Sergipe, onde nasceu; da Bahia, onde se formou em Direito; de São Paulo, onde viveu e constituiu família; do Brasil, pela obra que deixou no campo das letras jurídicas, literárias, da cultura em geral, alcançando as artes plásticas.

Minha amizade com Aluysio Mendonça Sampaio vinha da década de sessenta, quando ele passou a freqüentar a União Brasileira de Escritores com assiduidade, assumindo cargos de direção na entidade e por ela trabalhando ativamente.

Criatura simples, de cultura vasta e abrangente, do campo jurídico ao filosófico, do sociológico e histórico ao literário, estendendo-se às artes plásticas. De posições firmes nas suas idéias e princípios, sem, contudo, fazer proselitismo delas, aberto que era para qualquer discussão.

Nada tinha de doutoral. Gostava mesmo dos bate-papos amenos, onde o corriqueiro, as anedotas e piadas giravam. Não tinha o espírito boêmio, disciplinado que era nas suas obrigações e realizações.

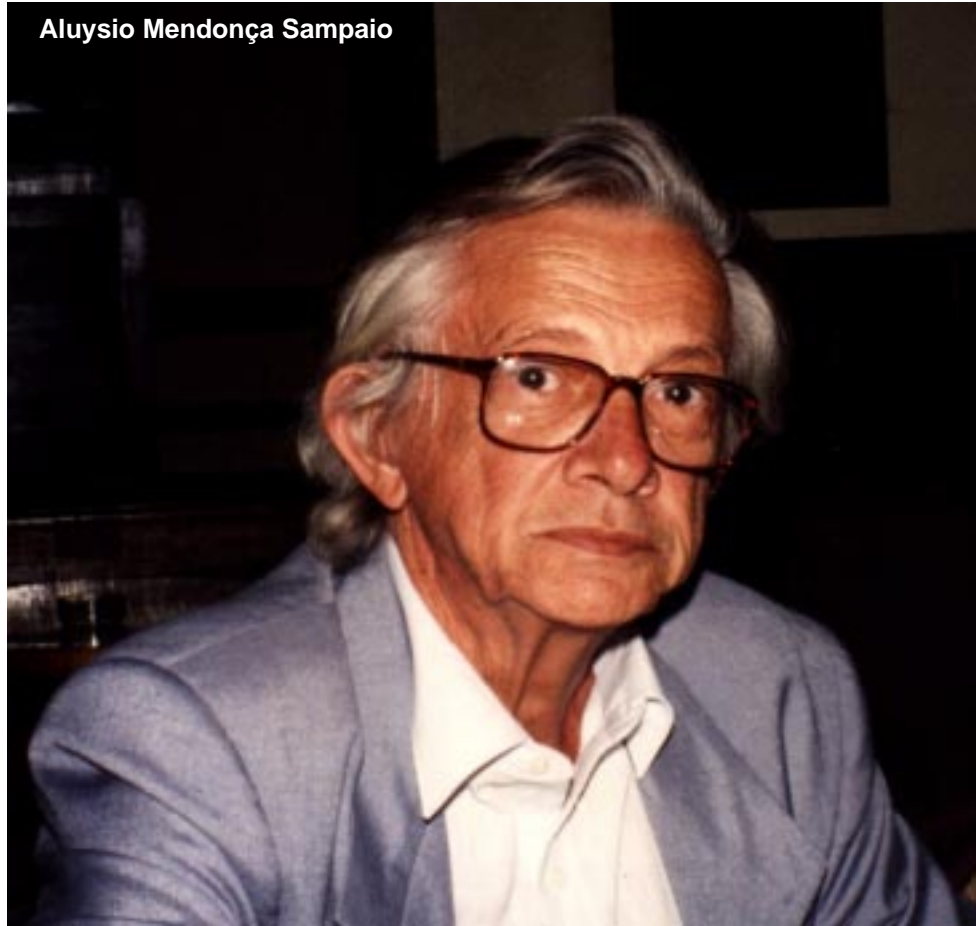
Militou sempre na esquerda política e fez divulgação dela na mocidade. Embora tivesse evoluído para visões mais amplas no campo social e político para o Brasil e o mundo, manteve seus princípios básicos e pontos de vista que vinham da juventude e que se apuraram com as leituras e estudos. Liberto de dogmatismos, inclusive no campo religioso.

Dinâmico, realizador, inovador, eterno estudioso, era sobretudo um artista, no sentido amplo do termo. Tudo fazia com amor, determinação e toque de arte, que é um pouco de dor no terreno da criação.

Ingressou na magistratura trabalhista em 1957, aposentando-se em 1991, no cargo de Juiz Togado do Tribunal Regional do Trabalho e Direito Processual do Trabalho. Publicou dezenas de livros sobre Direito do Trabalho e Direito Processual. Fundou e dirigiu a **Revista de Direito do Trabalho**, pela Editora Revista dos Tribunais, durante dez anos. No campo literário, escreveu romance, contos, poesias e chegou à memorialística. O livro **Os anônimos** (de contos), ganhou o prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras. Seus livros e ensaios são todos excelentes, que o autor analisa e fundamenta bem. Citamos, apenas para mencionar um, **Senhores e Escravos (A escravidão do indígena no Brasil)**. Na crítica, dentre outros, **Jorge Amado, o romancista**. Cremos que seja o estudo mais completo sobre a obra de Jorge Amado. Na poesia, destacamos **Noite Azul**, por ter sido publicado pela **Editores Pasárgada**, fundada por mim, Clóvis Moura e Woldey Milhomem, e que Aluysio injetou ânimo com uma festa concorrida e bonita de lançamento. Tudo pago por ele. Mas, apesar do impulso, a editora teve vida curta, que éramos mais “poetas” do que editores.

Merece especial referência a dedicação de Aluysio às

Aluysio Mendonça Sampaio



artes plásticas. Era o seu *hobby* do coração. Pintou dezenas de quadros e chegou a realizar concorrida exposição, porque em tudo que se metia fazia com muita determinação, idealismo e amor.

Aposentado, fundou a **LB (revista da literatura brasileira)**, que se impôs rapidamente no País inteiro. Nela passou a publicar quatro contistas e depois quatro poetas de cada Estado. Colaborei para esse levantamento. O que ele queria, e conseguiu, era fazer o mapeamento de contistas e poetas vivos do País inteiro, das mais diversas tendências. Transformaram-se em duas antologias importantíssimas, de alcance nacional, e que merecem vir a público.

Pelo que realizou e pela obra que deixou Aluysio Mendonça Sampaio merece um ensaio. Traduziu inclusive o belo e universal poema **The Raven (O Corvo)**, de Edgar Allan Poe, porque

encontrava imprecisões nas mais diversas traduções, e dizia sempre que poema nenhum poderia ser traduzido perfeitamente. Publicou a tradução no número 12 da **LB**.

Nascido em Aracaju em 29 de setembro de 1926, caminhava para os oitenta e dois anos. O último livro, de 2007, intitulado **O homem do charuto e outros contos**, é uma seleção das suas criações no gênero, vários deles considerados por Tristão de Athayde e muitas outras expressões maiores das nossas letras como verdadeiras obras primas.

Casado com Esther Cremaschi Sampaio, que secretariava a **LB**, deixa quatro filhos e netos.

Um abraço, Aluysio. Você não se foi. Você permanece e permanecerá.

Caio Porfírio Carneiro é escritor, crítico literário e secretário administrativo da União Brasileira de Escritores.

Seja Feita Justiça

Parece que estamos sempre rodeados de violência por todos os lados. Não dá mais para ligar a televisão que lá vem notícia de morte, assassinato, violência, guerra...

As ruas estão cheias de homens e mulheres jogados nas calçadas, de crianças desabrigadas e de cachorros abandonados.

Em todo o planeta as imagens são catastróficas. A Terra está pedindo socorro, o homem finge que não escuta e continua poluindo o meio-ambiente, devastando o planeta, produzindo lixo atômico, fazendo guerrilhas etc. Não há paz entre as raças e religiões. Essas imagens se tornaram rotina; bem como a fome que devasta o homem.

Não podemos ficar de braços cruzados diante das barbáries que nos assombram como a de um artista plástico, que apresentou como obra de arte, na *Bienal Centroamericana Honduras*, o sacrifício de um cachorro que ficou amarrado até morrer de sede e fome. O nome desse mostro é Guillermo Habacuc Vargas. Ele quer repetir a terrível crueldade na bienal desse ano.

O cachorro, que ficou amarrado todos os dias do evento, com focinheira, até dar o seu último suspiro, está documentado na internet nos sites www.animalnewsblog.blogspot.com/2007/10/exposio-de-guillermo-habacuc-vargas.html e <http://elperritovive.blogspot.com/>, entre outros.

Deixamos aqui nosso protesto contra o autor dessa covardia, aos organizadores do evento, ao povo que assistiu de braços cruzados e a nossa indignação aos governantes daquele País que não fizeram absolutamente nada para impedir tal barbárie.

Aproveitamos para divulgar o endereço da internet, que tem uma petição de boicote contra a participação, na Bienal de 2008, do assassino Guillermo: <http://www.petitiononline.com/13031953/petition.html>

Segundo a Declaração Universal dos Direitos dos Animais, instituída pela UNESCO, em 27 de janeiro de 1978, todos os animais têm direito ao respeito e à proteção do homem; assegura que os direitos do animal devem ser defendidos pela Lei como os direitos do homem.

Esperamos seja feita justiça.

A ARTE DA TRADUÇÃO

Ely Vieitez Lisboa

“Tradutor é traidor”. Todos conhecem a assertiva sobre a difícil arte da tradução. Entenda-se a afirmação. “Traição” denota todas as dificuldades da arte de verter um texto de uma língua para outra. Inicialmente, tem-se que conhecer com detalhes, a língua original e a própria, para a qual se vai traduzir o texto.

De acordo com os gêneros literários é o grau da dificuldade. Os textos científicos, quase totalmente escritos em linguagem denotativa, não são tão difíceis. Após vem a prosa (a crônica, o conto, a novela, o romance), quando o tradutor deve ficar atento ao estilo do escritor, para se obter o máximo de fidelidade. Há casos específicos. As traduções dos livros de Guimarães Rosa são epopeias lingüísticas, quando o tradutor enfrenta mais trabalhos que Hércules. Quando se fala em poemas, no gênero da poesia, a realidade é muito mais complexa. Muitos crêem ser impossível traduzir um poema. Na realidade, a tradução é outro poema. O tradutor lança mão de todo tipo de sutilezas e procedimentos literários para obter uma boa tradução.

Os livros nos vêm às mãos por estranhos caminhos. Cinéfila confessa, assisti ao excelente filme inglês “Quatro casamentos e um funeral” várias vezes. Película de 1994, direção de Mike Weller, com o conhecido ator Hugh Grant, com indicação ao Oscar como Melhor Filme e Roteiro Original. Encantam-me a direção, o roteiro, a ironia, a crítica dos ingleses aos americanos e vice-versa, a conturbada história de amor. Em certo momento do filme, o companheiro mais velho de um rapaz, morre de um ataque fulminante. Os dois, no filme, são símbolos da união do casamento perfeito. No féretro, o jovem amante é convidado para falar sobre o companheiro morto. Diante do esquife, ele faz um breve retrato realista e após, pede ao poeta W.H. Auden (poeta inglês, 1907-1973) palavras que exprimam seus sentimentos. Declama o poema “Funeral Blues”, de Auden. A cena sempre me emocionou. Encantada com o poema, localizei-o em uma excelente tradução de Nelson Ascher, que eu conhecia como cronista da *Folha de S. Paulo*. Assim, soube do livro “Poesia Alheia”, da Editora Imago. Comprei-o. Um verdadeiro tesouro de arte e erudição. Ascher, no seu livro “Poesia Alheia- 124 poemas traduzidos”, traduz desde os latinos (Catulo,

Horácio, Marcial) e os elisabetanos ingleses, até os modernistas (Eliot, Yeats, Valéry, Apollinaire, Auden: desde Lutero e Goethe, até os contemporâneos e mais Quevedo, Du Bellay e os poetas eslavos atuais.

Nada como uma boa citação que vem em uma das orelhas do livro: “Quando chega a esse nível de elaboração, a tradução de um poema é outro poema, cujo assunto é o original. Quando chega a esse nível de virtuosismo, a tradução de um poema começa a soar, aos nossos ouvidos, estranhamente como um original, cuja tradução é o outro. *Poesia Alheia*, então, é um título entre moderno e irônico: porque, para nós, os 124 poemas agora passaram a ser todos poemas de Nelson Ascher”. Acrescente-se sua habilidade de respeitar as rimas, com inversões, jogos semânticos, o ritmo perfeito.

Com apenas cinquenta anos, poeta, ensaísta, cronista da *Folha de S. Paulo*, Nelson Ascher tem artigos publicados na Espanha, México, Itália, França e Estados Unidos. Exemplo de cultura, erudição e grande talento, o autor impressiona pelo universalismo, pela arte. É uma figura ímpar.

Como tradutor, N. A. já comprovou ser um poeta magnífico. Mesmo assim, surge a necessidade ingente de conhecer seus dois livros de poemas: “O Sonho da Razão”, 1993 e “Algo de Sol”, 1996.

Com Ascher reforça-se a velha celeuma. De um lado, a crítica generosa que chama de poemas versos ingênuos, repetitivos, de ritmos discutíveis e linguagem pobre. Ratifica-se a necessidade do conhecimento profundo da língua, quando alguém se arvora a escrever poemas. Sabe-se também que o bom lingüista não é, necessariamente, um grande poeta. Quando, no entanto, se unem cultura, talento, erudição, sensibilidade, lirismo, surge a possibilidade de uma obra-prima. Leia-se o poeta Nelson Ascher para saber que a assertiva é verdadeira.

Ely Vieitez Lisboa é escritora.
E-mail: elyvieitez@uol.com.br

Linguagem Viva

Novo Telefone:

2693-0392

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - **Site:** www.linguagemviva.com.br
Editores: Adriano Nogueira (1928-2004) e Rosani Abou Adal (MTB: 18194)

Rua Herval, 902 – São Paulo – SP – 03062-000

E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

Publicidade: Rosani Abou Adal – Telefax: (11) 2693-0392

CGC: 61.831.012/0001-52 – **CCM:** 96954744 – **I.E.:** 113.273.517.110

Distribuição: Encarte no jornal *A Tribuna Piracicabana*, distribuído em livrarias, faculdades, professores, escolas, escritores, entidades, assinantes, espaços culturais e bibliotecas.

Impresso nas oficinas de *A Tribuna Piracicabana* - R Tiradentes, 647 - Piracicaba – SP – 13400-760

Os artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.

O PALETÓ DE MODIGLIANI

Paulo Bomfim

Conheci J. Wash Rodrigues em 1945, no escritório de Guilherme de Almeida, na Rua Barão de Itapetininga, em prédio onde existia o Hotel da Paz e se instalariam, futuramente, a Confeitaria Vienense e a joalheria do pai da teatróloga Maria Adelaide Amaral. Foi quando conheci também o Conde Frola, revolucionário italiano e Heraldo Barbuy.

Vim a encontrá-lo, novamente, na Livraria Martins Editora, na Ladeira São Francisco, que, tempos depois se mudaria para o Edifício Mario de Andrade, na Rua Rocha.

Nessa época, o editor José de Barros Martins reuniu em torno de sua personalidade refinada de homem de velha raça, figuras exponenciais da civilização paulista. As reuniões em sua residência, na Rua Abílio Soares, ocuparam o noticiário de mais de trinta anos da vida cultural de São Paulo. Sua esposa Edith, irmã de Lucy Montoro e da declamadora Lais Pestana e Silva, era a anfitriã perfeita de saraus onde gravitavam escritores, músicos, artistas plásticos, historiadores e visitantes ilustres.

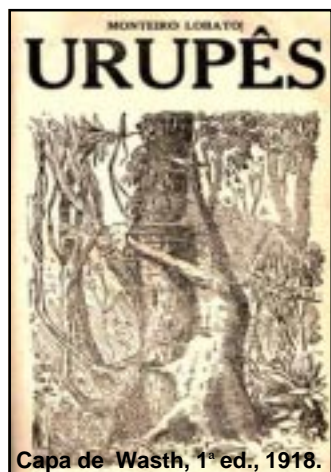
Devo à Editora Martins a publicação de meu "Antonio Triste" em 1947, e de todos os livros que fui escrevendo enquanto a "Martins" existiu.

Wash Rodrigues, que viria a falecer em 1957, ilustra com seu traço a heráldica do passado bandeirante. Ele, Belmonte e Clovis Graciano, formam o tríptico de retratistas da alma de nossa gente, seguindo caminhos desbravados por pincéis caboclos de Almeida Junior, dos Dutras e de Benedito Calixto.

Na parede do museu do Tribunal de Justiça, o Brasão de São Paulo, de autoria de J. Wash Rodrigues ostenta ainda sua primitiva legenda "Pro São Paulo Fiant Eximia" que evoca o clima de 9 de Julho, quando o Palácio da Justiça terminava seu acabamento e se preparava para ser inaugurado no ano seguinte.

Durante a Revolução Constitucionalista, o Governador Pedro de Toledo determina que o "Pro São Paulo" seja trocado por "Pro Brasília".

Em 1917, Guilherme de Almeida e J. Wash Rodrigues, vencem o concurso para a criação do



Capa de Wash, 1ª ed., 1918.

brasão da cidade de São Paulo instituído em 8 de Março pelo Prefeito Washington Luis. Nascia naquele momento o "Non Ducor, Ducor" que se tornaria a griffe de uma metrópole e de um povo.

Em Julho de 1918, aparece o "Urupês" de Monteiro Lobato, com capa de Wash Rodrigues. O autor de "Tropas Paulistas de Outora" ilustra em 1933, "Brasões e Bandeiras" de Clovis Ribeiro. Um de seus trabalhos mais notáveis é o "Dicionário Histórico Militar" publicado pelo Centro de Documentação do Exército. "Documentário Arquitetônico relativo à antiga construção civil no Brasil", com 160 pranchas reproduzindo igrejas, velhas casas e chafarizes, e "Evolução das Cadeiras Luso-Brasileiras" são também obras de grande importância para os estudiosos do período colonial e do Império.

No Museu do Ipiranga, encontram-se mais de quarenta trabalhos de sua autoria onde, em óleo, aquarela, guache e nanquim, resgata o passado paulista. Na entrada do edifício deparamos com painéis que pintou evocativos de D. João III, Martim Afonso, João Ramalho e Tibiriçá. Ilustrou também, "Salões e Damas do Segundo Reinado" de Wanderley Pinho, "Santo Antonio de Lisboa, Militar no Brasil" de José Carlos de Macedo Soares e a "História do Brasil" de Pedro Calmon.

Ao nos determos no Pouso de Paranapiacaba, no Caminho do Mar, ou na Ladeira da Memória, diante da arquitetura de Victor Dubugras, nosso olhar passeia pelos azulejos alegóricos de nosso retratado.

Na mocidade, ele que havia sido aluno de Oscar Pereira da Silva, recebe do governo, bolsa de estudo para Paris onde, na véspera da primeira grande guerra, torna-se amigo de um artista desconhecido, seu vizinho de mansarda.

Quando esse pintor livornês muda de residência, troca dois de seus desenhos pelo casaco do colega brasileiro.

Posteriormente, em famoso auto-retrato, o capote de J. Wash Rodrigues pode ser visto agasalhando, num inverno parisiense, o gênio de Amadeo Modigliani.

Paulo Bomfim é escritor, poeta e membro da Academia Paulista de Letras.

Torturador Invisível

Rosani Abou Adal

A tortura é infinita.
Nada sobre a mesa,
frutas apodrecem
diante da solidão lacônica.
Homens a pastar a ermo
nas pontes da cidade.
Nenhum lilás no céu,
nada para matar a fome,
nada para saciar a sede.
O homem sem agasalho,
o frio entre os dentes.
O limite da vida,
um estupro que cala.
A voz rouca e muda
implora um prato de comida.
O seu torturador está ali,
na cama de jornal,
sobre os caixotes,
sem pratos e talheres.
Ele é invisível diante
dos olhos dos homens.
É inerte, mas não é inodor.
Tem um cheiro forte
e está presente em todos os cantos,
em todas as direções,
de leste a oeste, de norte a sul.
Não há janelas para abrir,
a ditadura corrói o corpo e a alma.
O túnel não tem luz,
as ruas são tão negras
quanto às cores da sua barriga.
O horizonte, um futuro sem vestes.
Poucas migalhas entre os dedos,
a força para lutar contra o fantasma.
A cidade está deserta,
ninguém para acolher
o animal sem pasto.
São Paulo sonha tranqüila,
o torturado tem pesadelos.
Em farelos sacia a fome.
Sem quimeras, fecha os olhos
e adormece.

Rosani Abou Adal é escritora, jornalista, membro da Academia de Letras de Campos do Jordão e vice-presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo.



S e b o

Livraria Brandão

Comram-se bibliotecas e lotes de livros usados. Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos)
Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l
oldbook@terra.com.br - www.lbusedbookshop.com.br

O POEMA “CÉZANNE”: CHAVE DA POÉTICA DE ARICY CURVELLO

Cleber Pacheco

CÉZANNE

*Jamais quis pintar
como um animal*

*porém
na dimensão que nos dá as coisas
repletas de reservas, inesgotáveis:
a do mundo em sua espessura
(não as só palavras em discurso).*

*Massa sem lacuna:
um organismo de cores.
A vibração das aparências não é o
berço das coisas.
Escrevia como pintor
o que não havia sido pintado ainda.*

*(A criação do que existe é uma tarefa
infinita.)*

Dentro da obra poética de Aricy Curvello, o poema “Cézanne” é, sem dúvida, um momento crucial e uma peça-chave para compreendermos a sua visão de mundo.

Por isso mesmo e para maior profundidade, nos deteremos em analisar passo a passo, o texto em questão, buscando, dentro do possível, deslindar os seus meandros.

Os versos iniciais “Jamais quis pintar/ como um animal (...)” conduzem ao próprio artista tentando explicar-se e esclarecer a respeito de sua pintura. O que nos remete ao estudo do filósofo Merleau Ponty (1980, pp. 116-117): “Cézanne nunca quis ‘pintar como um animal’, mas recolocar a inteligência, as idéias, as ciências, a perspectiva, a tradição em contato com o mundo natural que estão destinadas a compreender, confrontar com a natureza, como disse, as ciências ‘que dela vieram’”.

Para esclarecer isso, nada melhor que recorrermos novamente ao citado filósofo: “O artista segundo Balzac ou Cézanne não se contenta em ser um animal cultivado, assume a cultura desde o começo e a funda de novo, fala como o primeiro homem falou e pinta como se nunca se houvesse pintado.”

Em outras palavras, não se trata de uma busca pelo irracional ou valorização do inconsciente, como se poderia apressadamente supor, muito menos pela ingenuidade, ou uma pintura “naïf”. Por outro lado, também não é o caso de revisar toda a tradição por mera acumulação de cultura, uma espécie de balanço cultural ou algo como uma releitura, tão em voga na atualidade. Para Cézanne, pintar não se limitava tampouco a expressar idéias. De um modo mais radical, sequer se tratava de reavaliar o ato criador. Seu radicalismo não pecava por cair no extremo, mas se caracterizou por buscar atingir o âmago

da experiência do ato de existir, ver e perceber. Ou, para avançarmos ainda mais, captar algo a respeito da “coisa”. E este captar ocorre via consciência.

Visão, coisa e consciência, de alguma maneira: tocam-se. A coisa ou algo semelhante e próximo a ela, onde se encontra? No coração do mundo e do próprio ato de ver. Daí a proposta do pintor: pensar com a pintura.

Para Merleau-Ponty (1980, p. 109), “A visão é o encontro (...) de todos os aspectos do Ser.”

Portanto, pintar é detectar algo ao invés de apenas recair no vazio e naquilo a que comumente se chama de Nada. Ao transpormos para a criação poética, podemos dizer que o mesmo se aplica à postura aricyana. Escrever poesia não é recair no beco sem saída do niilismo, mas conseguir captar algo situado entre a existência e a consciência. Daí a busca pelo que é “Mais do que os nomes do Nada”. Nem niilismo, nem metafísica. A constatação é a de que há uma ocorrência: a percepção humana. Esta é O Acontecimento por excelência.

A estrofe seguinte do poema nos revela outros fatores importantes:

“porém
na dimensão que nos dá as coisas
repletas de reservas, inesgotáveis:
a do mundo em sua espessura
(não as só palavras em discurso).”

Cézanne buscava a origem, o mundo natural como ele é. Todavia, essa busca reflete dois tipos de ordem: a ordem espontânea das coisas percebidas e a ordem humana das idéias e das ciências. O seu retorno até o princípio das coisas é paradoxal: a busca pela realidade passa pelas sensações. Estas podem ser ilusórias. Como então chegar ao real por meio da ilusão? Ou seria uma abordagem empírica aquela a ser efetuada? Tal recairia em nova contradição. Nem uma nem outra. Cézanne não separa a coisa de sua aparência. Ele chegar ao ponto onde a forma e a ordem têm nascimento. Para reencontrar o vivido, os sentidos são insuficientes. A origem se encontra naquilo que o Objeto irradia, provoca, na sua capacidade de provocar “cócegas” na percepção e na consciência. Se a filosofia cartesiana realizava uma suspensão das coisas para se obter o Juízo a respeito delas, a partir do século XIX podemos detectar uma tendência: suspender o Juízo, no sentido de algo acabado e definitivo, para obter uma nova visão do real. Isso foi feito de diversas maneiras por pensadores, artistas e escritores. No caso de Cézanne, o objetivo era suspender o habitual, o conhecido, o já estabelecido, para ir muito além do familiar revelando o antes do humano sobre o qual o próprio humano se funda. Sua “pinturapensante” ultrapassa o habitual, mas não é intelectualismo, é um resgate da força originária de onde tudo emana.

Para isso, o pintor voltou-se para a paisagem, tentando alcançá-la em sua totalidade e plenitude. Só na totalidade torna-se possível captar o Algo tão buscado.

O aspecto significativo dessa busca pela totalidade é que ela não passa pela unidade, aparentemente perdida pelo mundo moderno. Ela ocorrerá por meio da ilusão. Só podemos rodear a coisa, captar as suas vibrações. Mas o centro irradiador, de algum modo, deve estar lá, no quadro ou, ao menos, em nossa maneira de vê-lo.

Outra vez citamos Ponty (1980, p. 93): “Essência e existência, imaginário e real, visível e invisível, a pintura baralha todas as nossas categorias ao desdobrar o seu universo onírico de essências carnis, de semelhanças eficazes, de mudar significações.”

Podemos transferir e substituir pintura por poesia e encontraremos semelhanças com a obra de Aricy Curvello. Seus poemas nos remetem à importância da existência e a perturbação e questionamentos que ela nos causa, obrigando-nos a ir em direção à busca pela origem de tudo. O mundo concreto, apesar de passageiro, existe. Ao existir, é. E sua essência é mudar. Muda para permanecer. Permanece, apesar de nunca ser o mesmo. O mundo é sempre Outro. Mesmo assim, por algum motivo e de alguma maneira, está presente. O sentido da coisa está muito além de qualquer palavra, encontra-se imerso na Coisa e dela se desprende e é captado. Esse Algo é a maneira única de existir de um Objeto em particular, tornando-o um Acontecimento, ou como diria Delleuze (1974), uma singularidade anônima.

A Coisa remete ao Sujeito, o Observador, e acaba por colocá-lo diante de si mesmo: o homem que se vê, o homem enquanto plenitude ao contemplar-se. Olhar para o mundo é ver-se e perceber a própria existência. Percebo, logo existo.

Isso nos conduz até os versos seguintes:

“ Massa sem lacuna:
um organismo de cores.
A vibração das aparências não é o
berço das coisas.”

Para Ponty (1980), o universo e nosso cérebro têm um ponto de encontro (no caso da pintura): na cor. Para o poeta há um organismo de cores preenchendo todo o espaço, não deixando lugar para o vazio. Portanto, a totalidade nos confirma a existência de Algo que pode ser captado e percebido, indo muito além do Nada e do Ausente. O visto revela a respeito de nós mesmos ao evidenciar a experiência. A realidade, assim sendo, não é a aparência e sim o intrincamento, ou melhor: o imbricamento de todas as relações existentes entre a Coisa e si mesma e o homem que a percebe.

Os versos “ Escrevia enquanto pintor/ o que não havia sido pintado ainda” outra vez relembra Ponty (1980): “Escrever enquanto pintor o que ainda não foi pintado e o torna pintura de tudo.”

Neste caso, temos uma reinvenção da pintura e da escrita: encontrar de novo o que torna possível pintar e o que torna possível escrever. Em outros termos, pintar é escrever e vice-versa: é retomar a sintaxe original do mundo, é nomear, no sentido adâmico, o mundo.

Então, (“A criação do que existe é uma tarefa infinita”), numa paráfrase de Cézanne que define tal tarefa como a expressão. Para o poeta é ainda mais longe: é o ato criador no sentido artístico e existencial. Todo fim remete a um começo. Se o existir é passageiro, está sempre se renovando. Se a poesia nomeia, está se utilizando do substantivo para chegar à substância das coisas. Como isso é impossível, cabe ao poeta retomar a tarefa ad infinitum.

Para a poética aricyana, criar é uma constante busca das origens do existente. Assim podemos afirmar: - Crio: logo existo.

REFERÊNCIAS: CURVELLO, Aricy.- Mais que os nomes do nada.- S. Paulo: Ed. do Escritor, 1996; DELLEUZE, Giles.- Lógica do sentido.- S. Paulo: Ed. Perspectiva/ EDUSP, 1974. Coleção Estudos; PONTY, Merleau - Fenomenologia da percepção.- S. Paulo: Martins Fontes, 1994; - A dúvida de Cézanne.- S. Paulo: Abril; - O olho e o espírito.- S. Paulo: Abril, 1980.

Cleber Pacheco é Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



Moda
Belíssima
Com qualidade e elegância

**Roupa
Européia**

Av. São Luís, 218 – 01046-000 – São Paulo – SP
Tels: (11) 3120-5820 - 3258-9105

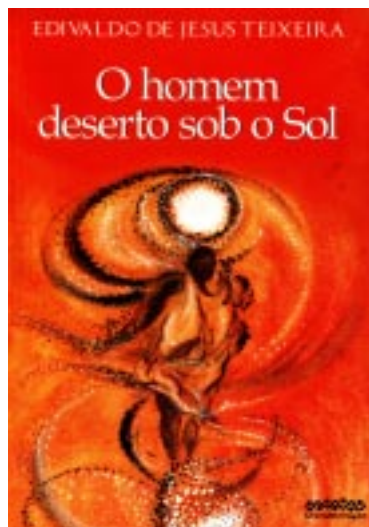
O LUTUOSO TECIDO DA SOLIDÃO

Olga Savary

Afirmam alguns que a poesia não serve para nada. Poderia ser verdade, mas não é. Poesia não serve para nada... a não ser para a essência do ser, para o essencial da vida. O poeta tem o olhar que reflete, não o que mede. O olhar que mede é preconceituoso – o poeta é aquele que a rigor não tem preconceito algum. Outra coisa: o artista não tem que ter pressa, não tem que ter carência e ânsia de ser reconhecido. Literatura? Arte e cultura? Só se não der para escapar. Se for só para pensar em conquistar fama, sucesso e dinheiro (ou, como se diz brincando, vinho, mulheres e música), não vale o sacrifício. Porque é esforço, sacrifício e dedicação o tempo todo. Parece uma vida só de beleza e felicidade. Mas não é. E, ao mesmo tempo, é.

Tudo o que foi dito acima semelha compor o retrato do poeta Edivaldo de Jesus Teixeira. O silêncio, a discrição, a modéstia são qualidades encontradas no texto e na maneira de ser deste poeta e juiz paranaense, radicado em Mogi das Cruzes, São Paulo. Seu fazer poético é de uma precisão e beleza bem caras à própria natureza da poesia. Quem conhece de fato poesia, sabe que ela ama a concisão, a economia de linguagem, a escritura enxuta, sem adiposidades. Reservada e circunspecta, sua *ars poetica* é ímpar, singular e plural a um só tempo. Tom Jobim disse certa vez que as pessoas pensam que música é ruído organizado; música é silêncio. Ruído é excitante, impacta. Ingrediente básico da poesia, silêncio induz ao sussurro.

O silêncio para fora nos propõe contemplação: da natureza e da natureza do homem. Octavio Paz, em seu livro de ensaio *O Arco e a Lira*, reconhece que a natureza é indiferente e desconhece o Homem. Talvez por causa desse fato o ser humano investe tão agressivamente contra ela. Tendo como pano de fundo a esperança, *O homem deserto sob o sol* desce o lutuoso tecido da solidão, compondo salmos, elegias, sonetos, cantos, canções, fugas, ressonâncias, vozes a denunciar que na sinfonia da vida o maestro acaba por se matar antes de alcançar a harmonia. Mas o poeta, este aqui, homenageia seus antecessores na escrita, os que vieram antes: Borges, Lorca, Dante, Drummond, Murilo Mendes, Gullar, Baudelaire, Mallarmé, Eliot, Pound, Bashô, entre outros pares. Vale o diálogo, apesar de certo pessimismo.



Empregando no início do livro uma epígrafe da mestra Emily Dickinson, precursora da poesia moderna (onde ela diz que a palavra não morre mal é pronunciada, mas sim que é aí que ela nasce), Edivaldo de Jesus Teixeira é um cultuador da palavra escrita, matéria-prima do poeta. Os olhos que o poeta gira sobre as coisas situam-no no mundo. Dessa

experiência muito dele, e só dele, visão única (como únicos são a impressão digital humana e o desenho da cauda da baleia, sem igual em qualquer outro) é que nasce a sua palavra, e dessa palavra ele se alimenta em sua solidão ativa.

Desse olhar, dessa visão, entre as pedras e as estrelas, o poeta exorcizará a sombra, na direção da alba onde jorra a luz, o puro ouro da poesia que exorciza a morte e inaugura a vida: “A sombra assim posta/ em que matéria pena?/ São quantos os quasars/ de uma sombra apenas?”. Para não perder o azul, o poeta refugia-se na dor, ainda que reconheça na dor o refúgio corporal da sanidade. Toda ordem conspira contra a vida em complexa genealogia. Por quê? Por sepultar a ilusão das coisas. Assim, toda ordem conspira contra a multiplicação dos pães e a divisão das riquezas. E o suave caos não justificará jamais nossa comum finitude. Alheio aos ruídos da tarde, sua paciência percorre conceitos vagos de direito, na provisoriedade das soluções humanas.

Alimentado de silêncio e de fulgor intenso, onde há uma luz onipresente e mínima treva – há treva e luz no que faz o criador – a poesia de Edivaldo de Jesus Teixeira arde em todo o livro *O homem deserto sob o sol*. Seu texto tem sobejamente o que Machado de Assis dizia da literatura: que esta fica, eleva, honra e consola. Seria a vida, como diz o Autor, um círculo onde os rostos envelhecem lentamente, transformando sempre esta obra-prima (a vida) apenas em rugas, musgos, pântanos, sementes? Seria apenas essa vã procura de transcendência para além da vida? Filosofando sobre o escândalo que a vida é, a poesia social, transcendente e pungente de Edivaldo de Jesus Teixeira finje acreditar, ainda, no paraíso, avessa à conclusão, movendo-se poderosa entre solidão e solidariedade.

OLGA SAVARY, escritora, poeta, ficcionista, crítica, ensaísta, tradutora e jornalista, foi laureada com dois Jabutis, entre outros prêmios.

Jorge Andrade

Rodolfo Konder

Já o conhecia como dramaturgo consagrado, quando começamos a trabalhar junto, na redação da revista **Realidade**. Ele era um homem calmo, discreto, voz pausada. Fumava, sempre com piteira. Observador, atento à aventura humana, trouxe para a imprensa seu imperturbável espírito de indagação e sua crença inabalável no ser humano. “O homem é fundamental. Ele faz a história. Transforma o mundo e se transforma a si mesmo. Abre caminhos, é dono da sua verdade”.

Como repórter especial, escreveu perfis memoráveis, como os de Érico Veríssimo, Sérgio Buarque de Holanda e Antonio Houaiss, e redigiu matérias antológicas, como “O canalial esmaga o homem”, “Presso até o fim da vida” e “Frente de trabalho no Ceará”. Editava seus textos como se lapidasse diamantes.

Ele chegou à redação trazido pelo então diretor da revista, seu amigo Paulo Mendonça. Sentou-se numa mesa ao lado da minha. Conversávamos muito – e logo nos tornamos amigos. Um dia, para minha surpresa, pediu que eu fizesse o prefácio para um livro da Editora Global, com sua peça “O Incêndio”. A história transcendia os padres pré-Medellin, os coronéis do antigo PSD e os delegados da UDN; transcendia até a história da repressão no interior brasileiro. Era uma vigo-

rosa denúncia do fanatismo, da intransigência, da intolerância.

Nas peças de sua primeira linha de dramaturgia, Jorge escrevia sobre o passado, para falar do presente e torná-lo mais compreensível. Depois, com “Milagre na cela”, “A zebra” e “O incêndio”, ele passou a escrever sobre o presente, para discutir e esclarecer o futuro. Para a televisão, levou os mesmos instrumentos analíticos impecáveis, com “Os ossos do Barão” e “O grilo”.

Nos anos 90, quando Jorge já não estava mais entre nós, levado pelas forças incontroláveis do destino para o outro lado das florestas do tempo, felizmente pude prestar homenagem ao amigo ausente, como Secretário Municipal de Cultura. Dei ao Arquivo Multimeios, do Centro Cultural de São Paulo, o nome de sala Jorge Andrade.

A Sala abriga mais de 600 mil documentos. Arquitetura, Artes Gráficas, Artes Plásticas, Fotografia, Cinema, Comunicação de Massa, Literatura, Música e especialmente Artes Cênicas (circo, dança, teatro) – está tudo ali. A memória artística da nossa maior metrópole está ali, preservada. A lembrança do amigo envolve e protege o que temos de melhor em nossa história paulistana. Assim seja.

Rodolfo Konder é escritor, jornalista e Diretor Cultural da UniFMU.

**Especializada em
importação direta de
livros portugueses.**



**Livros de todas as áreas de editoras portuguesas,
Cds, artesanato e galeria de arte.**

**Desconto de 10% para advogados, juristas,
professores e estudantes.**

Aceitamos encomendas de livros de editoras nacionais.

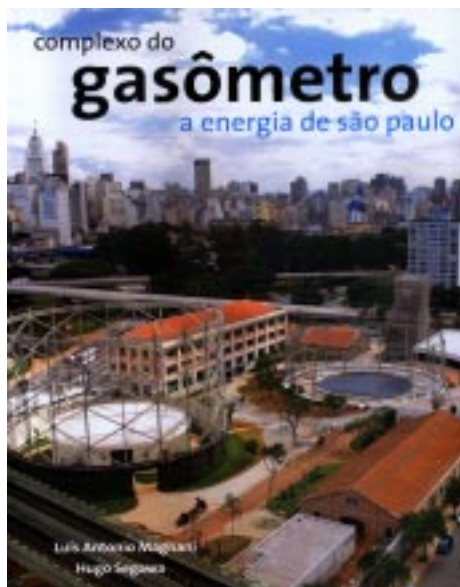
Prazo de entrega: 15 dias.

Galeria Louvre, loja 20 - Av São Luis, 192 - Centro - São Paulo -SP

E-mail: livrariacoimbra.pt@ig.com.br

Tel.: (11) 3120-5820 – Telefax: 3258-9105

O Complexo do Gasômetro



Complexo do Gasômetro – a energia de São Paulo, obra de Luís Antonio Magnani e Hugo Segawa, Editora Via das Artes, em parceria com a Restarq Arquitetura Restauração e Arte e a Comgás, 192 páginas, São Paulo, SP.

O Livro, que tem apoio da Lei Rouanet de Incentivo à Cultura, aborda o Complexo Gasômetro, localizado ao lado do Parque D. Pedro II. Retrata o processo de restauração do recém-inaugurado Centro Operacional da Região Metropolitana de São Paulo da Comgás e a importância do gás como fonte de energia e suas implicações no desenvolvimento urbano e industrial da cidade.

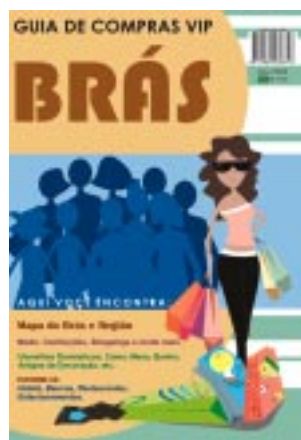
A obra abriga ampla e detalhada iconografia com mapas, desenhos, fotografias, plantas, propagandas de época e o registro fotográfico de fases do restauro dos prédios do Complexo, que foi iniciado em 2006.

Editora Viva das Artes: www.viadasartes.com.br

Guia de Compras Vip Brás

O *Guia de Compras Vip Brás*, roteiro de compras do Brás e região, completo e atualizado da moda, é classificado por ramo de atividade.

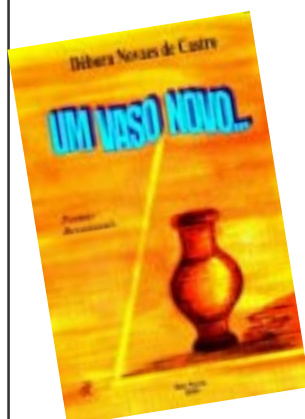
A obra acolhe matérias sobre a história do bairro, pontos históricos, cultura, música, literatura, comércio e mapa da região, entre outros assuntos. Os textos e pesquisas são de Rosani Abou Adal.



Os dados contidos no guia, que foram atualizados através de contato telefônico, divulgam os endereços, telefones, e-mails, sites, se as empresas têm acesso para deficientes e quais os cartões que aceitam.

O *Guia Vip Brás*, editado pela VipWork, é vendido nas bancas de jornal de todo o Brasil, ao preço de R\$ 13,90 e online: www.vipworkcultural.com.br

Débora Novaes de Castro



Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - CATAVENTO - AMARELINHA.

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO.

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS – ALJÔFARES – SEMENTES – CHÃO DE PITANGAS –

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Opções de compra: via telefax (11) 5031-5463

Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo Cep 04634-040 -

E-mail: debora_nc@uol.com.br e Site: www.vipworkcultural.com.br

Amazonas pátria da água, de Thiago de Mello.

Amazonas, pátria da água, de Thiago de Mello, com fotos de Luiz Cláudio Marigo, edição bilingue português/inglês, foi publicada pela Editora Boccato, em parceria com a Editora Gaia, com o apoio da Lei de Incentivo à Cultura e do Ministério da Cultura. A obra intercala prosa, poesia e imagens para contar a história do Rio Amazonas, e como a floresta e a população ribeirinha dependem dele para sua subsistência.

Thiago de Mello nasceu e mora na pequena cidade de Barreirinha. É Autor de *Faz escuro, mas eu canto* e *De uma vez por todas* (poemas); *Arte e ciência de empinar papagaio* (prosa), entre outros livros. *Amazonas, pátria da água* teve a primeira edição publicada em 1991.

A obra abriga poemas, prosas e textos de Thiago de Mello, que são intercalados com belíssimas fotos de paisagens, moradores, da fauna, flora e da população da “pátria da água”, documentadas por Luiz Cláudio Marigo. O título do livro faz referência à influência do rio de seis mil



quilômetros de extensão e seus braços afluentes em toda a região, que possui trilhões de metros cúbicos de madeira em pé e abriga um terço de todo o estoque genético do mundo.

Segundo Thiago de Mello, a floresta amazônica ainda pode ser salva. O que dela sobrar vai ficar contente de ajudar a Vida.

EDITORA GAIA: Rua Pirapitingui, 111 - São Paulo – SP - 01508-020. Tel.: (11) 3277-7999. Site: www.editoragaia.com.br

Vestibular & Concursos

Sonia Adal da Costa



1) Assinale a alternativa em que todas as palavras estejam corretas.

- a) Prazerosamente, desinteria.
- b) Empecilho, porisso.
- c) Bandeja, advinhar.
- d) Derrepente, reivindicar.
- e) Por isso, manteigueira.

R.: Resposta Correta é a E.

Correção:

- a) disenteria
- b) Por isso
- c) Adivinhar
- d) De repente, reivindicar.

2) Coloque certo ou errado, considerando o emprego da crase:

- a) () Percorreram todo o caminho à pé.

- b) () Isto cheira a vinho.
- c) () Encaminho à V. Sa. a relação dos livros.
- d) () Temos contas à pagar.
- e) () Percorri o Brasil de ponta à ponta.

Respostas:

- a) Errada – Não se usa crase diante de palavra masculina.
- b) Correto.
- c) Errada – Não se usa crase diante da maioria dos pronomes.
- d) Errada – Não se usa crase diante de verbo.
- e) Errada – Não se usa crase com palavra repetida.

Sonia Adal da Costa, professora de cursos preparatórios para concursos públicos e vestibular, formada pela Universidade de São Paulo, é pós-graduada em *Teatro Infanto-Juvenil* pela Universidade de São Paulo. E-mail: portsonia@ig.com.br

Livros e Lançamentos

Cadernos de Saúde e Meio Ambiente, organizado por Alice Itani, Fernando Rei e Nelson Tomelin Jr., Editora Olho D'Água, São Paulo, SP, 192 páginas. A obra reúne textos selecionados a partir dos resultados do Programa de Mestrado em Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente do Centro Universitário Senac, com outros parceiros da comunidade científica e do mundo do trabalho nas áreas afins. O primeiro volume mostra que os caminhos da gestão integrada são diversos e, aos poucos, são definidos e apresentados por quem os percorre com compromisso. **Editora Olho D'Água:** www.olhodagua.com.br - Rua Dr. Homem de Melo, 1036 - São Paulo - SP - 05007-002. Telefax: (11) 3673.1287 .



Anima Animalis voz de bichos brasileiros, poemas de Olga Savary, Editora LetraSelvagem, Caraguatatuba, SP, 152 páginas. A obra, ilustrada com gravuras de Marcelo Frazão, apresenta poemas e haicais da autora. Olga Savary, escritora, poeta, ficcionista, ensaísta, tradutora e jornalista, foi laureada com o *Prêmio Jabuti* e com o de tradução da Academia Brasileira de Letras. O livro faz parte da *Coleção Sentimento do Mundo*, que é organizada por Nicodemus Sena. **LetraSelvagem:** Rua Manoel Borba Gato, 115 - cj. 602 - Martim de Sá - Caraguatatuba - SP - 11.662-050. Tel.: (12) 3883-5059. Site: www.letraselvagem.com.br



Divórcio e Separação, de Pedro Paulo Filho e Guiomar A. de Castro Rangel Paulo, 3ª edição revista e atualizada, Mizuno Editora Distribuidora, Leme, SP, 696 páginas. A obra aborda a doutrina, jurisprudência, legislação e a prática referentes à separação e o divórcio. O livro apresenta modelos paradigmáticos, jurisprudência e a legislação do Direito de Família referente à separação e o divórcio. Pedro Paulo Filho exerceu o cargo de 1º presidente da 84ª Subseção da Ordem dos Advogados do Brasil e Guiomar A. de Castro Rangel Paulo é aposentada pelo Magistério do Estado de São Paulo e especializada em Direito de Família. **Editora Mizuno:** Tel.: (19) 3571-0420. www.editorajhmizuno.com.br

Indicador Profissional



Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - Cjs. 62/64 -
São Paulo - SP - 01318-903 Tel.: (11) 3107-7589

A Simbologia da Rua

José Carlos da Silva

Fui menino da rua, não de rua. Pobre, bobinho e supostamente feliz. A rua era espaço de prazeres e de alguns confrontos de cepa educativa. Como mudei algumas vezes de bairro e mesmo de cidade, tive várias ruas e amei todas elas. Cada uma me encantou de uma forma diferente. No concerto das ruas da minha vida, construí a rua ideal, que vive a mover meus pensamentos e fantasias. Essa rua era o chão que dava cor encardida aos meus pés, o lugar em que eu, sem perceber, me percebia vivente, teso de curiosidade e avoante de sonhos. A casa configurava o lar, doce lar e complementava a rua. Era simples e pequena, lugar onde a família se fazia existir, mas fora, como era grande! Por todos os lados supunha-se o vasto mundo. Já ouvira falar de lugares outros, mas aquilo pouco atraía. Não obstante o vasto mundo, o que interessava mesmo eram as ruas próximas e, às vezes, e por motivo certo, algumas outras mais distantes. As ruas, fossem calçadas ou de terra, eram substrato para o exercício dos meus sentidos; inspiravam uma enorme grandeza contida; ofereciam a luz, o vento, o calor, a chuva, o frio e o convívio. Ao fundo, vastas montanhas, e em toda parte, o ar triscado pelo vôo dos passarinhos.

Na rua a meninada rodava arco, o que as fazia andar de carreirinha. Podiam estar indo a algum lugar ou simplesmente brincando. Brincar já era tudo, enquanto houvesse alguma luz natural, e de noite também, desde que não muito tarde. As brincadeiras eram variadas e obedeciam ao

calendário. Assim, havia do que brincar o ano inteiro. Os brinquedos eram muitos deles confeccionados pelos próprios meninos. Com isso, desenvolviam-se as capacidades psicomotoras e a criatividade. O máximo da sofisticação na época, e para a realidade daquelas ruas, era o brinquedo feito na indústria, que se movia quando se lhe dava corda. Esses brinquedos sumiram, por obra e graça das pilhas elétricas, mas ficou a expressão "dar corda" em alguém, para que faça ou diga algo que desejamos.

A literatura universal contempla a rua de todas as formas. Os personagens machadianos, e o próprio Machado, transitavam absortos pelas ruas estreitas do Rio de Janeiro do século 19, proporcionando argumentos e motivações ao escritor, em cada passo, em cada esquina. A rua é a unidade fundamental do homem urbano. Foi nela que em criança me vi como pessoa; é nela que, ainda hoje, procuro significado para algumas coisas que instigam a alma, porque a rua é povoada da mais variada gente. Lamentavelmente, as ruas desumanizaram-se no que tinham de melhor, o seu romantismo acolhedor. Ficaram perigosas, têm sido palco de inomináveis atrocidades. A violência é humana e está nas ruas, assim como nas instituições e em casa. Então, só houve uma troca de ações e de propósitos na rua de que falamos, e nisso saímos perdedores em relação ao passado. É preciso reconstruir as ruas como lugar de encontro fraterno ou onde simplesmente se possa estar. Em paz.

José Carlos da Silva é escritor, de Uberlândia (MG).
jkarllos@uol.com.br

O Brasil é a nossa Criação.

Léa Von Krabovsky

Notícias

O Prêmio Fundação Conrado Wessel de Arte, Ciência e Cultura, promovido pela Fundação Conrado Wessel, divulgou os laureados, que receberão, cada um, o valor de R\$ 200 mil. Os premiados das quatro categorias foram Affonso Ávila, Literatura; Ivo Pitanguy, Medicina; Ivan Izquierdo, Ciência Geral; e Hisako Gondo Higashi, Ciência Aplicada. O Prêmio também oferecerá quatro grandes bolsas no exterior para as categorias de Música e Ciência.

Thelmo Lins lançou o livro *Rosas Amassadas*, no projeto *Terças Poéticas*, no Palácio das Artes, em Belo Horizonte. Na ocasião o autor apresentou um Sarau de música e poesia, com a participação especial do *Grupo Vocal Chega de Saudade*, de Itabirito, em homenagem à Cecília Meireles.

Joaquim Montezuma de Carvalho, professor, advogado, escritor e ensaísta português, faleceu no dia 6 de março, em Portugal. Autor de *A Teixeira de Pascoaes* (edição da Academia de Coimbra, 1951), *Do Tempo e dos Homens - Volume I - Da história literária à história da cultura*, entre outros livros. Colaborou em vários periódicos do Brasil, de Moçambique e de Portugal.

Álvaro Alves de Faria, poeta, jornalista e escritor, foi laureado com o *Prêmio da Academia Paulista de Letras*, pela obra *Babel - 50 poemas inspirados na escultura Torre de Babel, de Valdir Rocha*. O prêmio, no valor de R\$ 20 mil, foi entregue, no dia 17 de abril, pelo presidente da Academia, José Renato Nalini.

A Associação Brasileira de Imprensa, que completou 100 anos de sua fundação, foi homenageada pela Academia Paulista de Letras, no dia 17 de abril. José Renato Nalini, presidente da APL, abriu a cerimônia e Audálio Dantas, vice-presidente da ABL, deu prosseguimento à sessão solene.

70 HISTORINHAS, livro de Carlos Drummond de Andrade, foi lançado pela Editora Record.

Profa. Sonia

Revisão - Digitação

Aulas particulares

Tel.: (11) 6096-5716
portsonia@ig.com.br

A Semana Monteiro Lobato, promovida Fundação Editora da Unesp e a Livraria Unesp, com apoio da Editora Globo, acontece de 18 a 30 de abril, na Livraria da Unesp, em comemoração ao Dia Nacional da Literatura Infantil, que ocorreu no 18 de abril. A Livraria da Unesp está localizada à Praça da Sé, 108, em São Paulo. Informações pelo telefone (11) 3107-2623 ou através do site www.editoraunesp.com.br

O Futuro do Livro e o Livro do Futuro, palestra proferida por Mário César Martins de Camargo, acontecerá no dia 7 de maio, das 10 às 12h., na Escola do Livro, Rua Cristiano Viana, 91, em São Paulo. Informações e inscrições pelo telefone (11) 3069-1300 - Ramal 129, com Patrícia Ishimaru. E-mail escoladolivro@cbl.org.br

A Associação Brasileira da Indústria Gráfica iniciou uma campanha em comemoração aos 200 anos de atividades da indústria gráfica, que acontecerá nesse ano. Em outubro está programada uma grande festa, que encerrará o 14º Congresso Brasileiro da Indústria Gráfica. Site: www.abigraf.org.br

Nádia Battella Gotlib lançou a *Fotobiografia de Clarice Lispector*, pela EDUSP. A obra aborda a trajetória da autora, que é ilustrada com 800 imagens.

O 10º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens, promovido pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, acontecerá de 21 de maio a 1 de junho, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Av. Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo. O horário de visitação é de segunda a sexta, das 8:30 às 18 horas, e aos sábados e domingos, das 10h às 20h. Os ingressos custam R\$ 3,00. Informações pelo telefone (21) 2262-9130.

O Que é filosofar?, livro de Josef Pieper, foi lançado pela Edições Loyola. A obra apresenta as bases da filosofia, estabelecendo relações fundamentais para um estudo introdutório da matéria.

A Scortecci Editora e seus parceiros estão oferecendo facilidades para a edição de livros que serão lançados, no estande da editora durante a 20ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, que acontecerá no mês de agosto, em São Paulo. Os interessados deverão entrar em contato com a editora até o dia 15 de maio. Informações pelo telefone (11) 3032-1179.

Thiago de Mello lançou *Amazonas Pátria da Água*, com fotos de Luiz Claudio Marigo, no dia 9 de abril, no Saraiva Mega Store da Avenida Paulista, em São Paulo, pela Editora Gaia em parceria com a Editora Boccato. Linguagem Viva prestigiou o evento, que contou com a presença de escritores, leitores e amigos do poeta.

Democracia e Constituição - Estudos, livro de Edmilson Barbosa, em homenagem a Dimas Macedo, foi lançado em Fortaleza.

Preparação e Revisão: o trabalho com o texto - Módulo avançado, curso ministrado por Ibraíma Dafonte Tavares, acontecerá de 27 a 30 de maio, das 18 às 21 horas, na Universidade do Livro, à Praça da Sé, 108, em São Paulo. Informações: Tel.: (11) 3242-9555. www.editoraunesp.com.br - e-mail: universidadedolivro@editora.unesp.br

O Festival Internacional de Poesias, promovido pelo Instituto Usina dos Sonhos e a Prefeitura Municipal de Dois Córregos, acontecerá de 13 a 15 de junho, na cidade de Dois Córregos, em São Paulo. O festival é resultado de parceria entre Instituto Usina dos Sonhos e a Prefeitura. Os organizadores do evento tem como objetivo transformar a cidade na capital nacional da poesia.

Literatura e Psicanálise: a trama das palavras, curso ministrado por Yudith Rosenbaum, acontecerá nos dias 5, 12, 19 e 26 de maio, das 16 às 18h, no Centro Universitário Maria Antonia. Informações pelo telefone (11) 3255-7182 - ramal 32 e 33. Site: www.usp.br/mariantonia

Rosani e Thiago de Mello



O Prêmio Leya, promovido pelo Grupo editorial português Leya, destinado a romances inéditos, escritos em português, está com inscrições abertas até o dia 15 de junho. Poderão concorrer autores de qualquer nacionalidade. O melhor livro será agraciado com um prêmio no valor de 100.000 euros. Além do ganhador, o júri poderá atribuir um ou mais *Prêmios Leya Finalistas*, para cada obra, no valor de 25 mil euros. As obras também serão publicadas por uma das editoras do grupo e serão distribuídas simultaneamente em todos os países que adotam oficialmente a língua portuguesa. O vencedor será anunciado na Feira do Livro de Frankfurt, em outubro. O regulamento do *Prêmio Leya* está disponível no site www.leya.com.

O I Prêmio Literário Canon de Poesia 2008, promovido pela Canon do Brasil, Fábrica de Livros e Grupo Editorial Scortecci, destinado a autores brasileiros, maiores de 16 anos, residentes no Brasil, com o tema cidadania: um direito de todos, está com inscrições abertas até o dia 15 de junho. As 60 poesias classificadas serão publicadas em antologia, pelo selo editorial Fábrica de Livros - Scortecci Editora. Os autores receberão 10 exemplares da obra, que não será comercializada. Informações pelo telefone (11) 3031-2298 Ramais 13 ou 19, de segunda a sexta, das 8 às 17 horas. www.concursosliterarios.com.br

CUPOM DE ASSINATURA

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Estado: _____

Bairro: _____ CEP: _____

E-mail: _____ ☐ : _____

Assinatura Anual: R\$ 42,00 - Semestral: R\$ 21,00
Envie cheque nominal ou vale postal à Rua Herval, 902 -
São Paulo - SP - 03062-000 - Telefax: (11) 6693-0392
E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br